

ARTIGO

**DISCUSSÕES ACERCA DO USO DE ESTRANGEIRISMOS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO NA CONTEMPORANEIDADE: a busca por um idioma “puro” em
um país miscigenado**

**DISCUSIONES SOBRE EL USO DE LENGUAS EXTRANJERAS EN EL
PORTUGUÉS BRASILEÑO HOY: la búsqueda de una lengua “pura” en um país
mixto**

**DISCUSSIONS ABOUT THE USE OF FOREIGN LANGUAGES IN BRAZILIAN
PORTUGUESE TODAY: the search for a “pure” language in a mixed country**

Giselle de Paula Simão Lopes¹, Leticia Barreto Ferreira de Azevedo²

RESUMO:

Este artigo busca expor o Projeto de Lei nº 1676/1999 apresentado pelo deputado Aldo Rebelo (PCDOB/SP) contra o uso de estrangeirismos no português brasileiro, expondo também opiniões contrárias a essa proposta e mostrando alguns exemplos desses estrangeirismos. Parte-se do fato de que o português brasileiro não é isento de influências e, ao longo da sua história, diversas línguas misturaram-se a ele e o fizeram ser o que é hoje. A metodologia aqui utilizada é pesquisa bibliográfica, fazendo uso de fontes competentes para embasar a argumentação adotada.

PALAVRAS-CHAVE: lexicologia; estrangeirismos; anglicismos; português brasileiro; influência do inglês

RESUMEN:

Este artículo busca exponer el Proyecto de Ley No. 1676/1999 presentado por el Diputado Aldo Rebelo (PCDOB/SP) contra el uso de palabras extranjeras en portugués brasileño, exponiendo también opiniones contrarias a esta propuesta y mostrando algunos ejemplos de estas palabras extranjeras. Se parte del hecho de que

¹ Aluna do Instituto Federal Fluminense. E-mail: gisellelopesletras@gmail.com

² Aluna do Instituto Federal Fluminense. E-mail: leticia-barreto100@gmail.com

el portugués brasileño no está exento de influencia y, a lo largo de su historia, varios idiomas se han mezclado con él y lo han convertido en lo que es hoy. La metodología utilizada aquí es la investigación bibliográfica, haciendo uso de fuentes competentes para sustentar la argumentación adoptada.

PALABRAS CLAVE: lexicología; extranjeros; anglicismos; portugués brasileño; influencia del inglés

ABSTRACT:

This article seeks to expose Bill No. 1676/1999 presented by Deputy Aldo Rebelo (PCDOB/SP) against the use of foreign words in Brazilian Portuguese, also exposing contrary opinions to this proposal and showing some examples of these foreign words. It starts from the fact that Brazilian Portuguese is not exempt from influences and, throughout its history, several languages mixed with it and made it what it is today. The methodology used here is bibliographic research, making use of competent sources to support the adopted argumentation.

KEYWORDS: lexicology; foreigners words; anglicisms; Brazilian Portuguese; influence of English

1 – INTRODUÇÃO

O português brasileiro sofreu influência de diversos idiomas, sendo completamente diferente do português de Portugal, de onde é originário. A priori, essas influências ocorreram principalmente de idiomas africanos e indígenas, como observa Yeda Pessoa de Castro (1983):

São bem conhecidas as diferenças que afastam, na fonologia, o português do Brasil e o português de Portugal. A discussão dessas diferenças continua parcialmente aberta e não deixa de preocupar filólogos e linguistas. A controvérsia diz respeito à avaliação da parte de arcaísmos e regionalismo portugueses face às influências africanas e ameríndias. (CASTRO, 1983, p.81)

Nesse sentido, os povos que aqui habitaram ou fizeram contato, influenciaram diretamente a língua através de costumes culturais e religiosos provenientes de suas terras. Mais recentemente, a partir da Guerra Fria e após o término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a ter um grande desenvolvimento econômico e tecnológico, como corrobora Lígia Capobianco (2010):

O contexto teórico que norteia as influências do novo meio de comunicação e de difusão de informação, a Internet, inclui as ideias dos pensadores que,

por sua vez, foram profundamente influenciados pelo momento histórico no qual viviam considerando-se, especialmente, a Segunda Guerra Mundial, os efeitos da Guerra Fria sobre as sociedades e economia, bem como a hegemonia dos Estados Unidos. (CAPOBIANCO, 2010, p. 178)

Dessa forma, ao consumir tecnologia, o Brasil se apropriou de alguns termos linguísticos, o que gera uma certa discussão acerca de sua pertinência.

Partindo desse pressuposto, o objetivo principal desse artigo é expor a proposta de lei apresentada em 1999 pelo deputado Aldo Rebelo (PCDOB/SP) contra o uso de estrangeirismos no Brasil, a fim de corroborar a hipótese de que a língua é viva e novas incorporações ao seu léxico são importantes, o que demonstra que a proposta é inviável.

A metodologia da qual este trabalho faz uso é bibliográfica, pretendendo buscar em fontes competentes as influências dos estrangeirismos no vernáculo. Para embasar esta pesquisa, os principais pesquisadores utilizados são Santos (2006), Rodríguez (2000), Faraco (2001) e Basseto (2010).

Destarte, é preciso reiterar que este trabalho busca apenas contribuir com as pesquisas sobre a influência estrangeira no português brasileiro e a relação dessa temática com a proposta de lei PL 1676/1999 (BRASIL, 1999), e não tem capacidade ou como finalidade o esgotamento do assunto.

2 – A PL 1676/1999

Para iniciar, é necessário conceituar léxico. Basseto (2010) afirma que

Léxico é o conjunto de todas as palavras pertencentes de alguma forma a um idioma, passíveis de serem empregadas em seus vários níveis linguísticos. Constitui um inventário aberto, em parte mutável, por representar a *Weltanschauung*, a visão do mundo e a cultura do povo que o usa. (...) As mudanças léxicas acompanham as alterações sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade, conforme atestam os resultados da aplicação dos métodos da geografia linguística, *Wörter und Sachen*, onomasiologia e mesmo o histórico-comparativo. Modificações sociais mais rápidas aceleram também as do léxico, conforme se verificou no século XX e no nosso, com a rápida evolução tecnológica e seus numerosos neologismos. (BASSETO, 2010, p.12)

Adotando o conceito de léxico como um inventário aberto, o uso dos estrangeirismos é pertinente, pois enriquece o vocabulário desde o início da história do idioma brasileiro. A priori, é necessário compreender o conceito de estrangeirismo, que, segundo Faraco (2001):

É o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo (FARACO, 2001, p.15).

Ademais, além dos estrangeirismos, há também os empréstimos linguísticos que, segundo Sapir (1971, p. 193), “O tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra, é o ‘empréstimo’ de vocábulos. Sempre que há empréstimo cultural, há probabilidade de empréstimo para os termos correspondentes”. Esses empréstimos diferenciam-se dos estrangeirismos, pois, no empréstimo, a grafia das palavras muda. Essa diferenciação é conceituada por Gonçalves, Ferreira e Cunha, no seguinte trecho, mostrado por Alexandre Antonio Timbane (2012):

Em primeiro lugar, temos o estrangeirismo, que vem a ser o emprego de palavras que se originam de outra língua estrangeira e não possuem uma palavra correspondente a ela na nossa língua, apontadas em nossas normas gramaticais como um vício de linguagem, e que sua pronúncia e escrita não sofre qualquer alteração. No segundo caso o empréstimo (galicismo, anglicismo, etc.) a própria nomenclatura deixa clara a função das palavras, que sofre pouca modificação e passa a fazer parte do léxico, sendo que todas elas hoje classificadas como empréstimo foi um dia estrangeirismo. (GONÇALVES, FERREIRA; CUNHA *apud* TIMBANE, p. 291)

Entretanto, a Proposta de Lei apresentada pelo deputado do PCDOB Aldo Rebelo tem como ementa dispor sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e restringir o uso de palavras em língua estrangeira, ou “estrangeirismos”. Porém, há, no português, diversas palavras oriundas de outros idiomas e essa questão também é um problema para essa proibição se tornar totalmente eficaz. Esse assunto é abordado por Pedro M. Garcez e Ana Maria S. Zilles (2001):

Em primeiro lugar, é importante notar que, embora pareça fácil apontar, hoje, *home banking* e *coffee break* como exemplos claros de estrangeirismos, ninguém garante que daqui a alguns anos não estarão sumindo das bocas e mentes, como o *match* do futebol e o *rouge* da moça; assim como ninguém garante que não terão sido incorporados naturalmente à língua, como o *garçom* e o *sutiã*, o *esporte* e o *clube*. Desse modo, um primeiro exame dos possíveis critérios que conferem a um empréstimo linguístico o caráter de estrangeirismo nos mostra que nem sempre é claro o status de um elemento emprestado. Status, por exemplo, é termo latino e, portanto, seria português, pois, afinal, o português veio do latim? Ou seria estrangeirismo, já que se trata de termo erudito, tomado emprestado do latim depois que o português

já era português? E os termos árabes — frutos da dominação da Península Ibérica — que se agregaram ao português antes que este invadisse o território gigantesco que hoje ocupa na América? Álcool, alqueire, alface: estrangeirismos? Assim, uma breve reflexão sobre o que hoje é parte legítima da língua, mas não foi ontem, já indica que não é simples dizer o que é português puro, nem é simples dizer como algo deixa de ser um estrangeirismo e passa a ser parte da língua da comunidade. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 16)

Assim como abordado no trecho acima, é impreciso dizer o que seria o idioma “puro”, já que ele sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Destarte, é complexo exigir a proibição do uso de estrangeirismos, pois a língua portuguesa é repleta deles, sendo que alguns já se incorporaram de tal forma que as pessoas usam diversas palavras sem se dar conta de que são provenientes de outras línguas.

Nesse sentido, se existisse mesmo o conceito de pureza dentro de um idioma, deveria ser possível compreender completamente e não observar modificações em um texto do século XVI, escrito após a criação da primeira gramática da língua portuguesa, de Fernão de Oliveira, ou um texto da própria, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, que tem, até mesmo em seu título, uma grande diferenciação do português brasileiro do século XXI.

Portanto, essa proposta de lei é uma questão mais voltada para o embate político do que para as questões linguísticas, assim como abordam Garcez e Zilles (2001):

A noção de estrangeirismo faz do contato linguístico uma arena propícia ao desenvolvimento de certos episódios da vida social da linguagem em que posições políticas e sociais conflitantes, de difícil tratamento direto e aberto, vêm a público no debate sobre os comportamentos linguísticos dos grupos que disputam o controle e a distribuição de recursos na comunidade. Embora o debate em si seja movido, no fundo, pelas posições políticas e sociais dos diferentes grupos, ele trata, na superfície, de questões linguísticas, de modo que a arena de discussão se torna também terreno fértil para a produção de discursos superficiais e equivocados sobre a natureza da linguagem, sobre o uso prestigioso e “correto” da língua da comunidade e sobre a própria vida social da linguagem. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p.14)

Com base nisso, é possível depreender que os indivíduos que possuem certo poder na sociedade utilizam de aspectos enraizados na sociedade como meio de defender posicionamentos políticos. A língua é um meio muito eficaz de fazê-lo, pois faz parte da identidade de um povo.

A principal crítica feita pelas pessoas que defendem o fim dos estrangeirismos no português é a de que não é necessário e torna o idioma impuro. Entretanto, essa

ideia de pureza não é cabível em uma sociedade evoluída, que não prega, ou pelo menos não deveria pregar, preconceitos. Ademais, Bagno (2014) critica o posicionamento do deputado no trecho a seguir:

O que mais surpreende é que esse projeto de lei, embora de autoria de um membro do Partido Comunista do Brasil (de quem se esperaria um mínimo de visão dialética dos fenômenos históricos e sociais), reproduz o discurso mais conservador, elitista e cientificamente ultrapassado no que diz respeito à língua. (BAGNO, 2014, p. 48)

Essa ideia reforça a hipótese de que a proposta é um tanto quanto incoerente. Messias dos Santos Santana (2011) afirma que

É possível afirmar que o estrangeirismo não é um fato incomum ou de pouca regularidade na língua, uma vez que é muito frequente o contato entre povos e línguas, a partir do que se pode ter a influência de um povo/uma língua sobre outro/a, ficando clara a possibilidade de incorporação de novos vocábulos, oriundos de outras línguas, a essa língua que está sob influência. (E se considerar-se a história da língua portuguesa, isso fica ainda mais evidente.) (SANTANA, 2011, p. 3)

Logo, é possível reiterar que o contato entre povos e a apropriação de termos que não existiam na língua portuguesa contribuiu com o enriquecimento do idioma. Janice Inês Nodari e Maiane Serra (2011) corroboram com essa ideia, expondo que

Uma nova relação entre pessoas de todo o mundo, de diferentes etnias, línguas e histórias distintas surge como consequência do rompimento de barreiras antes intransponíveis. A grande preocupação no que tange à globalização consiste nos seus efeitos sobre uma dada língua, uma vez que um grande número de estrangeirismos provenientes das línguas dos países que tem relações mais diretas entre si acabam sendo incorporados. (NODARI; SERRA, 2011, p. 4)

Esse desejo de proibir os estrangeirismos não é de agora. Além do deputado Aldo Rebelo, no final do século XIX, o médico e professor Antônio de Castro Lopes (1889) inquietou-se com o uso de palavras estrangeiras no português, principalmente os termos de origem francesa, fenômeno denominado galicismo. Castro Lopes publicou o livro *Neologismos Indispensáveis e Barbarismos Dispensáveis*, onde ele criou diversos vocábulos com radicais latinos para substituir as palavras provenientes do francês.

No entanto, poucas palavras sugeridas por ele se popularizaram. Um exemplo é a palavra *estreia*, que substituiu o vocábulo francês *début*. E a palavra *cardápio*, que convive com o termo *menu*.

Essa forte influência francesa no Brasil deriva principalmente da Belle Époque, que se estendeu desde a Guerra Franco-Prussiana, em 1871, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Esse termo, sendo traduzido do francês como “*bela época*”, diz respeito ao período de grande influência francesa, seja ela educacional, científica, médica ou artística. Nesse sentido, a França desfrutava de um momento de estabilidade e o mundo conseguia observar isso. É a partir daí, no século XIX, que diversos galicismos são incorporados ao português brasileiro: a elite carioca se inspirava em diversos aspectos franceses, seja na moda ou na fala, assim como aborda Carolina Giacomini Corrêa (2013):

Os franceses também foram representativos no magistério em geral por ministrarem aulas em seu idioma de origem, de desenho, de piano e Ciências. A influência cultural francesa não estava presente apenas no que concerne ao âmbito das letras, mas na maneira de vestir-se, comportar-se, pentear-se, falar, divertir-se e, até mesmo, de comer. (CORRÊA, 2013, p. 23)

Surge dessa forte efervescência de novos vocábulos estrangeiros a questão problemática da língua: a ideia de que o idioma é isento de influências, sem o reconhecimento de que o falante modifica a língua e, sem ele, a língua é morta.

Na literatura, o livro “*Emília no País da Gramática*” foi escrito por Monteiro Lobato e trabalha de forma lúdica com diversas questões gramaticais da língua portuguesa. A questão dos neologismos é abordada no texto, assim como no seguinte trecho:

O Neologismo tem de envelhecer um bocado antes que receba autorização para residir no centro da cidade. Estes cá andam em prova. Se resistirem, se não morrerem de sarampo ou coqueluche e se os homens virem que eles prestam bons serviços, então igualam-se a todas as outras palavras da língua e podem morar nos bairros decentes. Enquanto isso ficam soltos pela cidade, como vagabundos, ora aqui, ora ali. (LOBATO, 1934, p. 14)

A partir do exposto, depreende-se que nem sempre certos estrangeirismos passam a ser efetivos em uma língua, já que a gramática é o território tardio da mudança, assim como abordam José Carlos Alves de Azeredo Júnior e Thiago Soares de Oliveira (2018).

Por meio deste estudo diacrônico de cunho bibliográfico e documental, abordou-se, primeiramente, a dificuldade que as variações linguísticas têm para que se cristalizem como mudança linguística, haja vista a resistência do sistema da língua em assimilar mudanças. Por causa dessa resistência, uma variação pode levar séculos ocorrendo nos registros mais incultos, sem conseguir penetrar nos padrões normativos. (JÚNIOR, OLIVEIRA, 2018, p. 237)

Com base nisso, é possível depreender que deve haver um grande período de adesão de certo neologismo para que ele seja adicionado ao dicionário ou à gramática. Nesse sentido, fazer tamanho alarde acerca do uso de estrangeirismos é completamente desnecessário, já que nem sempre o que se utiliza na fala é normatizado. Surge daí outro apontamento contra a proposta de lei do deputado Aldo Rebelo: não há necessidade de problematizar a utilização dos estrangeirismos, sendo que nem todos serão adicionados aos símbolos mais tradicionais da língua. É um embate em vão.

Outrossim, mesmo que se enraízem de fato na língua, isso não é de fato ruim, pois prova que a língua possui falantes e por isso ela é viva, já que, assim como aborda Marcos Bagno em seu livro “Língua, Linguagem e Linguística: pondo os pingos nos ii”, não se trata apenas de um processo cognitivo, mas também social. Dessa forma, adotando a língua como um processo sociocognitivo, é possível ratificar que ela sofre influências externas e é modificada através delas.

Atualmente, o embate político se inicia a partir da percepção de que o maior uso de estrangeirismos no Brasil é o de anglicismos.³ Basta olhar as fachadas das lojas ao andar pelas ruas de qualquer cidade brasileira: grande parte dos letreiros estão em inglês. Essa questão é exposta por Garcez e Zilles (2001):

A discussão atual contra os estrangeirismos se concentra no uso de elementos do inglês: os anglicismos. Há, de fato, contato crescente no mundo, e o inglês é a grande fonte contemporânea de empréstimos ao português e às demais línguas. Empréstimos do inglês, além de evidentes em quantidade e frequência, são especialmente suscetíveis à suspeita de ilegitimidade, já que o inglês não é língua usada na vida diária por nenhuma comunidade brasileira (ao menos, no Brasil). O inglês é claramente língua estrangeira. Remete a estrangeiro também o fato de que, se o inglês é hoje a tal língua franca do contato internacional, isso se deve ao sucesso da empresa imperial britânica e norte-americana, da qual o Brasil sempre foi cliente servil. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p.19-20)

¹ Palavras da língua inglesa.

Esse embate político se inicia a partir do momento em que se toma o inglês como “língua franca” após a Guerra Fria, por conta da hegemonia estadunidense e capitalista. Entretanto, é quase impossível desvincular termos específicos dos avanços tecnológicos oriundos dos Estados Unidos.

3 – A INFLUÊNCIA DO INGLÊS NO LÉXICO BRASILEIRO ATRAVÉS DA INFORMÁTICA

A Língua Portuguesa é originária do latim vulgar e sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Ao chegar no Brasil, o idioma teve contato com outros provenientes de diferentes povos, como os africanos, indígenas, franceses, espanhóis, japoneses, chineses e alemães, por conta das imigrações. Já a partir do enorme crescimento tecnológico, geralmente proveniente dos Estados Unidos, o léxico brasileiro também foi influenciado pelos americanos através desses novos produtos. Tota (2000, p.191) diz que “os meios de comunicação foram usados pedagogicamente para americanizar o Brasil.”

Desse modo, o idioma foi enriquecido por meio desses contatos. Para corroborar com esse posicionamento, Alves (2002, p. 72) afirma que o léxico “não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua”.

Um exemplo disso é o inglês, que influenciou o português brasileiro a partir do advento de novas tecnologias, principalmente por conta do enorme desenvolvimento tecnológico proveniente do período da Guerra Fria, sendo a informática um dos principais meios de adição de novos estrangeirismos ao português do Brasil. As palavras oriundas do jargão da informática ainda não existiam no português, por isso urgiu a necessidade de novos termos. Dessa forma, os brasileiros foram buscar palavras onde a tecnologia foi criada: Estados Unidos. Essa tese é corroborada por Santos (2006), o qual afirma que

Ninguém nega a quantidade enorme de anglicismos, representados pelos termos inevitavelmente oriundos de uma língua do país de onde provém a maior parte dos avanços científicos e tecnológicos, além do universo de consumo e dos negócios, da indústria e do comércio, do vocabulário do entretenimento e manifestações culturais correlatas – enfim, não há, no

Brasil, nenhuma área do conhecimento ou atividade humana em que hoje em dia o inglês não tenha se infiltrado. (SANTOS, 2006, p. 5-6)

A partir desse exposto, é possível depreender que o uso de anglicismos no português deriva também de uma questão política: o alto nível de desenvolvimento dos EUA fez com que o inglês se difundisse por todo o mundo por absorção cultural através das novas tecnologias. Isso ocorreu por meio de filmes, séries, livros, os quais pregavam o *American Way of Life*⁴. De acordo com Gustavo Frosi Benetti (2011),

Surgiu uma nova forma de prazer, associada ao consumo, e viabilizada pela grande e variada oferta de produtos no mercado americano. Esta oferta trouxe como resultado uma padronização. As distâncias foram “encurtadas” através das comunicações, os meios culturais sofreram uma comercialização recorrente deste processo. A sociedade americana fora padronizada. O cinema divulgou o *american way of life* nos Estados Unidos, e posteriormente em toda a América. (BENETTI, 2011, p.3)

Rodríguez (2000) cita alguns exemplos de expressões incorporadas ao português através da informática.

a) Alguns substantivos:

backup = arquivo que contém cópia de segurança de outro arquivo

bit *bi(nary dig)it* [dígito binário] = quantidade mínima de informação que pode ser transmitida por um sistema

boot = operação que inicializa o funcionamento

browser = navegador, programa de busca na Internet

byte = sequência de 8 bits, considerada unidade básica

bug = erro ou mau funcionamento de um programa

chip = pastilha, placa minúscula de material de condução elétrica usada em circuitos integrados

drive = unidade de disco

driver = programa que gerencia a entrada e/ou saída de dados

electronic mail ou e-mail = correio eletrônico

game = jogo, particularmente jogo eletrônico

gate = portão, lugar de entrada de dados, etc.

hacker = gênio em computação que consegue penetrar em outros computadores ou sistemas

hard disk = disco rígido, disco duro

hardware = componentes físicos do computador

homepage = espaço reservado na Internet

joystick = dispositivo manual para operar alguns jogos eletrônicos

led = luzinha colorida no computador;

line = linha

link = ligação com outras *homepages*

modem *mod(ulation)/dem(odulation)* = dispositivo que converte dados eletrônicos nos sentidos de ida e volta

² Traduzido como “estilo de vida americano”, o *American Way of Life* foi um modelo de comportamento que pregava o consumismo, a padronização social e o liberalismo econômico. Surgiu nos Estados Unidos após a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.

mouse (camundongo) = dispositivo para executar diversas operações com o computador
no-break (não-interrompe) = dispositivo para manter o fluxo de eletricidade
on-line = ligado (o aparelho), estar na linha
off-line = desligado (o aparelho), fora da Internet
output = produção, saída (de dados)
path = caminho (itinerário usado no processamento de dados)
site = sítio, espaço reservado na Internet
scanner = dispositivo para cópia de documentos
software = programas e dispositivos com os que opera o computador
web = rede, por antonomásia a Internet.
b) Alguns verbos:
attach = anexar (documento com dados)
delete = apagar, remover (material escrito em disco)
download = baixar (material da Internet)
reset = reiniciar (o computador)
c) Algumas siglas:
CD (*Compact Disk*) = disco compacto (contém material sonoro)
CD-ROM (*Compact Disk Read Only Memory*) = disco que também pode conter material visual (multimídia)
CPU (*Central Process Unit*) = Unidade central de processamento
HD (*Hard Disk*) = disco rígido, disco duro, *whinchester*
PC (*Personal Computer*) = computador pessoal, micro
URL (*Universal Resource Locator*) = localizador universal de recursos
WWW (*World Wide Web*) = rede de toda a teia de âmbito mundial, Internet
(RODRÍGUEZ, 2000, p. 65-74).

Juntamente com o avanço da informática, surgiu a internet, inicialmente, para fins de pesquisa. A tecnologia foi criada nos Estados Unidos em 1969 e pertencia ao Departamento de Defesa norte-americano. Apenas em 1987 foi liberado o seu uso comercial nos EUA.

O desenvolvimento tecnológico e científico, acelerado por ocasião da Segunda Guerra, propiciou a integração das potencialidades de recursos que resultaram na Internet, uma estrutura global que interliga os computadores e outros equipamentos para possibilitar o registro, produção, transmissão e recepção de informações e a comunicação entre indivíduos independentemente da posição geográfica. (CAPOBIANCO, 2010, p. 175)

Já no Brasil, o mesmo só ocorreu em 1995, mas se popularizou apenas em meados dos anos 2000. Junto a isso, houve o surgimento das redes sociais, como, inicialmente, o *Orkut*, o *MSN*, o *Twitter*, entre outros. Ao longo dos anos, algumas dessas se extinguiram e outras surgiram, como o *Facebook*, o *Whatsapp* e o *Instagram*, que já demonstram anglicismos no próprio nome.

Nodari e Serra (2011) também falam sobre anglicismos, afirmando que

O advento da 'internet' fez com que esse fenômeno alçasse voos mais altos. Atualmente, um número cada vez maior de pessoas de todo o mundo

participa de redes de comunicação que ultrapassam limites, produzindo, assim, uma comunicação dita global, sem, contudo, haver a marca de nacionalidade, onde a comunicação por escrito é preponderante, não se sabe o sotaque, não se sabe a etnia, não se sabe a classe social dos interagentes. (NODARI; SERRA, 2011, p. 4)

A partir do exposto acima, depreende-se que a absorção de palavras do inglês ocorre principalmente por conta dessa globalização. Essa permitiu que o contato entre povos ocorra não apenas por conta da imigração ou contato físico, mas também uma imensa troca de informações virtualmente. Muitas das vezes, esse compartilhamento cultural acontece por meio da considerada língua franca – o inglês.

Garcez e Zilles (2001, p. 19-20) corroboram com esse fato no trecho: “A discussão atual contra os estrangeirismos se concentra no uso de elementos do inglês: os anglicismos. Há, de fato, contato crescente no mundo, e o inglês é a grande fonte contemporânea de empréstimos ao português e às demais línguas.” Logo, isso ratifica que a proposta de proibição é uma questão de cunho ideológico.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O português foi modificado desde que chegou ao Brasil por conta da troca cultural entre diversos povos, que formaram um país tão miscigenado, inclusive na língua, que se diferencia do português europeu em muitos aspectos devido a essa mistura, podendo ser até mesmo considerado outro idioma.

Além disso, muitos vocábulos hoje utilizados são provenientes de outras línguas, mas estão tão enraizados que não consegue-se dissociá-los do português. Nesse sentido, o critério de pureza da língua se torna inalcançável frente a um mundo hoje globalizado.

A priori, essas mudanças linguísticas ocorreram por conta das imigrações. Devido à Belle Époque, houve uma enorme entrada de galicismos na língua portuguesa, despertando inclusive a indignação do médico e professor Antônio de Castro Lopes, que quis substituir esses termos. Já após a Guerra Fria, com o avanço da tecnologia americana e um mundo cada vez mais globalizado, o inglês passou a ter forte influência em todo o mundo, havendo grande entrada de anglicismos no português brasileiro. Não obstante à proposta de Lopes, o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo também quis frear a entrada de estrangeirismos em uma língua tão

mestiça, a qual tem como base a incorporação de vários povos com os quais teve contato.

O Projeto de Lei nº 1676/1999 é, portanto, inviável tendo em vista que a língua é viva e sofre modificações constantes devido aos seus falantes e o contato com diversos povos, seja através da imigração ou virtualmente. Destarte, os estrangeirismos contribuem para o enriquecimento do vernáculo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: história interna das línguas românicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BENETTI, Gustavo Frosi. Influência dos Estados Unidos no Brasil: as políticas culturais na época da Segunda Guerra Mundial. *SEMINA*, v. 9, p. 4, 2011.

BRASIL. *Projeto de Lei n. 1676 de 15 de setembro de 1999*. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1999. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CAPOBIANCO, Lígia. A Revolução em Curso: Internet, Sociedade da Informação e Cibercultura. *Estudos em Comunicação*, Covilhã, v. 7, n. 2, p. 175-193, 2010. Disponível em: <http://ec.ubi.pt/ec/07/vol2/capobianco.pdf> _ Acesso em: 31 mar. 2020.

CASTRO, Yeda Pessoa. Das Línguas Africanas ao Português Brasileiro. *Afro-Ásia*, v. 14, p. 81-106, 1983. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3667/1/12121212.pdf> _ Acesso em: 31 mar. 2020.

CORRÊA, Carolina Giacomini. *O desenvolvimento cultural, artístico e a moda no Brasil após a chegada da corte portuguesa*. 2013. 44 f. Monografia (Especialização) - Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://www.ufjf.br/posmoda/files/2013/05/MONOGRRAFIA-CAROLINA-GIACOMINI.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In:

JÚNIOR, José Carlos Alves de Azeredo; OLIVEIRA, Thiago Soares de. Gramática normativa: o território tardio da mudança. Revista Letras Raras, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/943> . Acesso em: 28 jul. 2021.

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1934. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/estorias_miniweb/lobato/emilia_no_pais_da_gramatica.pdf . Acesso em: 31 jul. 2019.

LOPES, Castro. *Neologismos Indispensáveis e Barbarismos Dispensáveis*. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1889.

NODARI, Janice Inês; SERRA, Maiane. Os anglicismos nas fachadas de estabelecimentos comerciais da rua Grande no centro de São Luís – MA: ampliação do léxico ou ameaça à hegemonia da Língua Portuguesa? *Littera*, n. 4, 2011. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/769/2911> . Acesso em: 29 jul. 2019.

RODRÍGUEZ, A. M. Empréstimos lexicais recentes do inglês ao português do Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 4., 2000, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2054.html> . Acesso em: 01 jun. 2019.

SANTANA, Messias dos Santos. *Estrangeirismos na Língua Portuguesa: Uma visão Histórica*. *Cadernos do CNLF*, v. 15, n. 5, t. 2., 2011.

SANTOS, Agenor Soares dos. *Dicionário de anglicismos e de palavras inglesas correntes em português*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/142.pdf . Acesso em: 29 jul. 2019.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

TIMBANE, Alexandre Antônio. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 54, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636607/4326> . Acesso em: 30 jul. 2019.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.